

Ester Bonal

Bom dia e bem-vindos.

Fico impressionada com o número de crianças e jovens que temos aqui hoje. Imagino que alguns dos mais velhos que ainda não chegaram estejam a tomar o pequeno-almoço. Esperemos que se juntem a nós em breve.

Antes de mais, fazendo eco das palavras de Marina Garcés, que ontem nos falou de gratidão durante a sua intervenção, gostaria de vos agradecer a presença aqui hoje.

Gostaria de começar por vos contar uma pequena história pessoal. Há muitos anos, quando ainda era estudante, fui assistir a um espetáculo de teatro em que Marina Garcés participava. Naquela altura, eu ainda não sabia que aquela jovem atriz se tornaria a grande filósofa que conhecemos hoje. Lembro-me de que, quando a vi em palco, pensei: «Esta rapariga é incrível.»

Alguns anos mais tarde, tive a oportunidade de conhecer Philippe Meirieu. Nessa altura, já trabalhava na área da educação e tinha acabado de descobrir o seu livro *Frankenstein Educador*. Este livro marcou-me profundamente, porque colocava uma questão que continua a acompanhar-nos hoje: o que significa educar alguém sem pretender fabricá-lo à nossa imagem?

E depois há Pilar Figueras, que foi uma pessoa muito importante na história das Cidades Educadoras e que também desempenhou um papel fundamental na criação de muitos dos laços entre as pessoas que trabalham nesta área.

Hoje temos, portanto, aqui duas pessoas que admiro profundamente, e tenho o enorme prazer de poder dialogar com elas.

A primeira pergunta que gostaria de vos colocar é a seguinte: **o que pode fazer a educação pela democracia num contexto como aquele que vivemos atualmente?**

Vemos manifestações nas ruas, serviços públicos que são postos em causa, algoritmos que organizam uma parte das nossas vidas, redes sociais que influenciam a nossa maneira de pensar e de nos relacionarmos com os outros.

Philippe, talvez pudesses começar.

Philippe Meirieu

Sim.

Gostaria, antes de mais, de dizer algo que pode parecer evidente, mas que não é: a educação não se reduz à escola.

A educação acontece nas famílias, nas escolas, nas associações, nas cidades. E penso que as cidades têm hoje uma responsabilidade particular, porque podem ser **cidades de encontro**.

Precisamos de lugares onde pessoas diferentes possam encontrar-se, conversar, trabalhar em conjunto e descobrir que podem construir algo em comum.

A democracia não pode existir sem solidariedade. E solidariedade não significa que sejamos todos iguais. Significa aceitar viver em conjunto apesar das nossas diferenças.

A educação não pode, evidentemente, fazer tudo. Mas pode fazer muito.

Pode permitir que os indivíduos compreendam que não estão sozinhos no mundo, que pertencem a uma história, a uma sociedade, a uma comunidade, e que têm uma responsabilidade perante os outros.

É por isso que acredito que as Cidades Educadoras têm um papel fundamental a desempenhar.

Marina Garcés

Gostaria de retomar aquilo que Philippe acaba de dizer a partir de uma ideia muito simples: os serviços públicos são uma forma de democracia.

Quando falamos de educação, não podemos, portanto, limitar-nos a falar da escola ou dos professores. Temos de falar das condições materiais que permitem às pessoas viver juntas e participar na sociedade.

No meu livro *A Escola dos Aprendizes*, parto de três convicções.

A primeira é que a crise educativa não é apenas uma crise da educação. É uma crise política, social e mundial.

A segunda é que temos de deixar de falar da educação na terceira pessoa. Temos de nos perguntar o que **nós** queremos fazer da educação, o que **nós** podemos construir em conjunto.

E a terceira é que não existe educação emancipatória sem alianças.

Precisamos de uma **aliança de aprendizes**.

Isso significa reconhecer que somos todos aprendizes e que ninguém possui, por si só, o conhecimento necessário para resolver os problemas que enfrentamos.

Ester Bonal

Obrigada.

Gostaria agora de vos colocar uma segunda pergunta.

Vivemos num mundo em que recebemos uma quantidade enorme de informação. Estamos constantemente expostos às redes sociais, às imagens, às mensagens, às opiniões e às manipulações.

Como podemos educar para o pensamento crítico neste contexto?

Philippe?

Philippe Meirieu

Penso que temos de voltar a esta ideia do «nós» de que Marina falava.

O mundo em que vivemos é um mundo em que as certezas são entregues às pessoas através de máquinas, telemóveis e slogans.

Temos, portanto, de recriar espaços nos quais as pessoas possam procurar em conjunto.

O pensamento crítico não consiste simplesmente em aprender a identificar informações falsas. Consiste em construir uma relação com o mundo.

E essa relação pressupõe confiança, solidariedade e desejo de compreender.

Fomos deixando progressivamente de acreditar na educação. Por vezes, preferimos a repressão, a exclusão ou a seleção.

Mas educar significa precisamente permitir a alguém desenvolver a capacidade de pensar por si próprio.

Desde o Iluminismo, e nomeadamente com pensadores como John Dewey, sabemos que a aprendizagem está ligada à investigação, à procura e ao desejo de compreender.

É preciso, portanto, estimular o desejo de aprender e não nos limitarmos a transmitir conhecimentos.

O pensamento crítico é uma **relação com o mundo**.

E as cidades podem desempenhar um papel essencial ao criar situações nas quais pessoas diferentes se encontram para investigar, refletir e procurar em conjunto, apesar das suas diferenças.

Marina Garcés

Gostaria de acrescentar uma coisa.

Para que o pensamento crítico seja possível, são necessárias condições materiais, simbólicas e institucionais.

Falamos frequentemente do pensamento crítico como se fosse simplesmente uma competência individual. Mas como podemos pedir a alguém que seja crítico se vive numa situação de precariedade, medo ou impotência?

Em Espanha, a idade em que os jovens conseguem realmente emancipar-se é atualmente superior aos 30 anos.

A precariedade habitacional é uma forma de violência. Produz uma experiência de guerra, de ataque permanente.

Nestas condições, o pensamento crítico não é apenas uma capacidade intelectual. É algo encarnado e situado.

O outro lado deste medo e deste sentimento generalizado de impotência é aquilo a que eu chamaria uma **indústria do medo**.

Vivemos numa sociedade que produz constantemente ameaças e que nos faz acreditar que temos de nos proteger de tudo.

E, muitas vezes, acabamos por responsabilizar os jovens por esta situação.

Philippe Meirieu

Sim.

E gostaria de acrescentar que a emancipação também consiste em recusar as atribuições identitárias.

Temos de permitir que cada pessoa possa dizer: «Eu não sou apenas aquilo que dizem que sou.»

Vivemos em sistemas que tendem a fechar-nos dentro de categorias.

Os algoritmos criam túneis. Propõem-nos sempre mais daquilo que já vimos, pensámos ou gostámos.

Mas a educação deve fazer exatamente o contrário.

Deve permitir a uma pessoa descobrir que pode ser diferente daquilo que a formou.

É isso, no fundo, a dignidade humana.

Quando dizemos a uma criança, por exemplo: «És disléxica», corremos o risco de transformar uma característica numa identidade.

A educação deve, pelo contrário, abrir possibilidades.

E as cidades têm aqui um papel essencial: podem criar espaços onde as pessoas descubram outras possibilidades para além daquelas que lhes são atribuídas.

Ester Bonal

Gostaria de partir de algo muito concreto.

Quando falamos, por exemplo, de crianças hiperativas, atribuímos-lhes muito rapidamente uma etiqueta.

E essa etiqueta pode acabar por se tornar a sua identidade.

Isto faz-me pensar em Marcuse e na forma como as nossas sociedades oscilam entre a procura de segurança e a necessidade de liberdade.

Queremos ser protegidos, mas também queremos ser livres.

E esta tensão está igualmente presente nos fenómenos de polarização e na forma como construímos as nossas identidades.

Temos também instituições muito hierarquizadas que, por vezes, tornam difícil a possibilidade de tomar a palavra.

Marina Garcés

Sim.

Adotamos frequentemente atitudes defensivas.

Mas criticar e fazer autocrítica não significa culpabilizar.

Temos de poder olhar para aquilo que não funciona sem procurar imediatamente um responsável.

Temos tendência para responsabilizar os jovens por tudo aquilo que corre mal.

Os diagnósticos e as etiquetas tornam-se, por vezes, espelhos dos nossos próprios medos.

Criamos sistemas de controlo porque temos medo, e esses sistemas dão-nos a ilusão de que estamos realmente a controlar alguma coisa.

Mas não podemos controlar tudo.

E a educação consiste precisamente em aprender a viver com a incerteza, com o risco e com a possibilidade do inesperado.

Ester Bonal

Talvez seja também por isso que a educação é uma arte.

Porque tem de gerir constantemente o imprevisto.

Podemos preparar uma sessão, preparar um projeto, preparar uma atividade, mas nunca podemos saber exatamente o que vai acontecer quando estamos perante outras pessoas.

Philippe, falas frequentemente da educação como um acompanhamento da liberdade.

Philippe Meirieu

Sim.

A educação é o acompanhamento da liberdade.

Mas vivemos num mundo em que acompanhar a liberdade é considerado mais um perigo do que uma oportunidade.

E existe aqui uma contradição fundamental entre os valores que afirmamos e as práticas que realmente colocamos em prática.

Falamos de democracia, participação, autonomia, pensamento crítico.

Mas as nossas instituições nem sempre são coerentes com esses valores.

Temos, portanto, de trabalhar sobre essa coerência.

Temos de poder debater.

E, infelizmente, assistimos a uma regressão: passámos, em alguns espaços políticos, da capacidade de falar e argumentar para uma espécie de competência «muscular».

É preciso reaprender a dar acesso à palavra.

Um dos desafios civilizacionais mais importantes é precisamente este: **conseguir falar uns com os outros em vez de nos opormos uns aos outros.**

Ester Bonal

Creio que chegámos ao cerne daquilo que queríamos partilhar hoje.

Trata-se de procurar a coerência entre os valores que defendemos, os discursos que fazemos e as práticas que colocamos em prática.

Trata-se também de procurar as fissuras nas instituições, esses espaços onde algo de novo pode surgir.

Porque a emancipação começa muitas vezes nessas fissuras.

Temos de ser capazes de pôr os mecanismos em movimento.

Esta conversa deveria durar uma hora e já chegámos a uma hora e quarenta.

Vou, portanto, terminar aqui.

Muito obrigada, Marina. Muito obrigada, Philippe.

E muito obrigado a todos pela vossa presença e pela vossa escuta.